



XIII Colóquio Internacional "Educação e Contemporaneidade"



19 a 21 de Setembro de 2019 São Cristóvão/SE/Brasil

ISSN: 1982-3657 | PREFIXO DOI 10.29380

Recebido em: **26/06/2019**

Aprovado em: **26/06/2019**

Editor Respo.: **Veleida Anahi - Bernard Charlort**

Método de Avaliação: **Double Blind Review**

Doi: <http://dx.doi.org/10.29380/2019.13.10.07>

EDUCAÇÃO, CORPO E SUBJETIVIDADE: conceitos, percepções e desafios

EIXO: 10. EDUCAÇÃO, CORPO, SEXUALIDADE, GÊNERO

JOSE APARECIDO DE OLIVEIRA LIMA

Resumo: Este artigo tem como objetivo desenvolver um pequeno recorte acerca da conceituação histórica do corpo. Sua principal materialidade é a problematização de alguns aspectos que achamos pertinentes, tais como a percepção do corpo como categoria simbólica e de um corpo como “ideia antagônica” perante a sociedade. Outra questão importante é o reconhecimento do corpo para além de uma percepção objetificadora. Decerto, sustentaremos nossa pesquisa com alguns dos autores que tratam do tema com relevância e pertinência, por exemplo, David Lê Breton (2007), Jean-Jacques Courtine (2008), Judith Butler (2003), entre outros autores clássicos e comentaristas que podem nortear as ideias a serem desenvolvidas ao longo do processo de discussão do texto.

Palavras Chaves: Filosofia e Educação. Corpo. Subjetividade. Sociedade. Paradigmas.

Abstract: This article aims to develop a small clipping about the historical conceptualization of the body. Its main materiality is the problematization of some aspects that we consider pertinent, such as the perception of the body as a symbolic category and a body as an "antagonistic idea" before society. Another important issue is the recognition of the body beyond objectifying perception. Certainly, we will support our research with some of the authors who deal with the subject with relevance and pertinence, for example, David Lê Breton (2007), Jean-Jacques Courtine (2008), Judith Butler (2003), among other classic authors and commentators who may to guide the ideas to be developed throughout the discussion process of the text.

Keywords: Philosophy and Education. Body. Subjectivity. Society. Paradigms.

Resumen: Este artículo tiene como objetivo desarrollar un pequeño recorte acerca de la conceptualización histórica del cuerpo. Su principal materialidad es la problematización de algunos aspectos que consideramos pertinentes, tales como la percepción del cuerpo como categoría simbólica y de un cuerpo como "idea antagónica" ante la sociedad. Otra cuestión importante es el reconocimiento del cuerpo más allá de la percepción objetivadora. Por supuesto, sostenemos nuestra investigación con algunos de los autores que tratan del tema con relevancia y pertinencia, por ejemplo, David Lê Breton (2007), Jean-Jacques Courtine (2008), Judith Butler (2003), entre otros autores clásicos y comentaristas que pueden guiar las ideas a desarrollar en el proceso de discusión del texto.

Palabras claves: Filosofía y Educación. Cuerpo. Subjetividad. Sociedad. Paradigmas.

Introdução

Qualquer pesquisa com este tema, acerca do corpo, reveste-se de uma discussão muito ampla e especial, pois, pensar uma pesquisa voltada as questões do corpo e de sua historia é, basicamente, pensar na trajetória e contribuição de nosso próprio corpo.

Desta forma, é relevante perceber o corpo como um corpo socialmente construído, “tanto nas suas ações sobre uma cena coletiva quanto nas teorias que explicam seu funcionamento ou nas relações que mantém com o homem que encarna” (BRETON, 2007, p. 26).

De fato, buscaremos neste artigo tratar de três vias de pensamentos que envolvem a pesquisa sobre o corpo, tais como um pequeno recorte conceitual e histórico, almejando demarcar a evolução do corpo na história e mediante ao contexto histórico que o envolve a cada tempo.

Em um segundo momento, trataremos sobre o corpo como categoria simbólica. Nesse aspecto, pensaremos trilhas essas discussões fazendo analogias com algumas metáforas envolvendo o corpo como rascunho, como reflexo e como máquina. Neste aspecto, procuraremos pequenos recortes figurados acerca do corpo.

Por fim, desenvolveremos uma pequena problematização acerca do corpo “divergente/anormal” frente à nossa sociedade contemporânea. Noutras palavras, destaca-se neste tópico, tanto a necessidade de superação da ideia do corpo como objeto, como resistir e contradizer toda e qualquer forma de preconceito e normas que buscam reprimir, monopolizar e atrofiar o sujeito.

Portanto, é necessário destacar a relevância de tratar sobre o corpo, bem como, da necessidade de problematizá-lo e reconhecê-lo no diversificado contexto social no qual estamos inseridos. Pois, perceber o outro corpo não idêntico, é poder contemplar as semelhanças e, principalmente, as diferenças que o outro tem. Isso nos remete ao importante processo de humanização e descentralização de meu eu.

1. Breve recorte conceitual acerca do corpo

“O corpo parece explicar-se a si mesmo, mas nada é mais enganoso” (BRETON, 2007, p. 26).

Deve-se dizer inicialmente que adentrar a concepção histórica do corpo humano é poder perceber sua evolução epistemológica e civilizatória. Ou seja, acompanhando o contexto de formação e transformação da sociedade através dos tempos, podemos perceber o necessário processo de compreensão da corporeidade do ser humano. Ou melhor, a compreensão das características que representam a evolução ou não dos contextos sociais, corporais e simbólicos.

Nesta perspectiva, desenvolver uma vertente histórica acerca do corpo é partir para uma assimilação do corpo em meio ao tempo e em face de cada contexto histórico. Aqui, não almejamos uma discussão a respeito da história do corpo, mas percorrer algumas das discussões de seus principais recortes históricos.

Neste sentido, se partirmos de uma ideia do corpo tendo como base a “Grécia Antiga”, perceberemos um contexto histórico que nos remete ao corpo referencial, viril e idealizado como “ideia de corpo perfeito”. Ora, na história o corpo sempre foi sinônimo de beleza e com saúde e, no qual representava a perfeição e caracterizava a divindade.

Já em meio ao “período Medieval”, adentraremos em um contexto inverso, ou seja, o corpo não é

mais visto com menções honrosas, mas como a “vergonha da alma”, algo abominável que distanciava o homem de Deus.

Por outro lado, no “período Moderno” o corpo renasce com os avanços da racionalidade científica. Nesse aspecto, as conceituações sobre o corpo deixava de lado os estigmas religiosos para concentrar-se na ideia de um corpo reinventado.

Assim, a partir desse horizonte de compreensão, Courtine (2008), coloca a importância de refletir dois pontos relevantes da história do corpo: primeiro, no tempo medieval, a ideia de um corpo “diferente” **inanimado** até o século XIX e, segundo, na modernidade, conforme os estudos de Freud, a ideia de um corpo “diferente” **reinventado e animado** no século XX.

De fato, segundo as ideias de David Le Breton (2007), esse contexto histórico de reflexão acerca do corpo humano nos remete ao processo de conceituação do corpo a partir do século XIX. Desse tempo destaca-se uma “sociologia implícita do corpo” ressaltando a miséria física e moral da classe trabalhadora na Revolução Industrial, além, de destacar alguns autores, tal como Michel Foucault, que buscava descrever e problematizar a “utilização subversiva” do corpo “diferente” neste tempo.

Ora, o corpo inanimado do século XIX é percebido como um “pedaço de matéria” ou um “feixe de mecanismo”, por outro lado, o corpo animado do século XX representa uma “restauração e aprofundamento da carne”, contudo, um corpo com objetivos bem específicos para atividades lucrativas. Acerca desta ideia, trataremos no segundo tópico deste texto.

De outro modo, seguindo as ideias problematizadoras de Michel Foucault (1926-1984), foi necessário desenvolver durante a história, diversas perspectivas históricas do corpo, por exemplo, “o corpo como fenômeno”, ou o corpo sujeito a ações de nossos sentidos, de nossos valores e performances físicas, como ‘preparação’ e ‘modelagem’ para a sua inserção na sociedade.

Para Brighente e Mesquida (2011, p. 2392):

O corpo até o século XVIII foi alvo de suplicios como forma de punição, a sua sexualidade era padronizada para colocar limites entre o normal e o patológico; o corpo da mulher era subestimado e os corpos de crianças e jovens eram governados dentro das escolas. Ao contemplar esta reflexão, não podemos deixar de remeter aos dias atuais, pois estes processos deixaram consequências que ainda se sustentam, já que, segundo Foucault (2010), a dominação impõe obrigações e direitos, fazendo com que surjam marcas nas coisas e nos corpos. Estas são algumas das consequências das intervenções realizadas no corpo dos indivíduos por meio do “poder disciplinar”.

Portanto, frente a este panorama histórico que envolve o fim do período medieval e início dos tempos modernos, os pensadores da época problematizavam acerca dos modelos de aperfeiçoamento dos corpos, ou seja, eles enfatizavam a necessidade de desenvolver um processo de estranhamento frente aos paradigmas e, a partir disso, inverter a ordem do discurso.

O processo disciplinar e domesticado dos corpos faz os autores perceberem a necessidade de desocultamento dos poderes disciplinares que modelavam as formas e ações dos indivíduos. Noutras palavras, “O poder disciplinar é invisível, pode vigiar sem ser visto, se expressando pelo olhar e exercendo seu controle sobre os corpos em questão. Mantendo o indivíduo disciplinado” (BRIGHENTE; MESQUIDA, 2011, p. 2392).

O corpo e sua percepção como categoria simbólica: rascunho, reflexo e máquina

Diante do delineamento deste quadro e dando continuidade a este recorte histórico e conceitual acerca do corpo, Le Breton (2008) afirma que o corpo se apresenta como um “objeto imperfeito, um rascunho a ser corrigido [...] trata-se de fato de mudar seu corpo para mudar sua vida” (BRETON, 2008, p. 10).

Neste sentido, o corpo como um rascunho nos remete aos contornos, as definições de modelagem e a necessidade de completar e aperfeiçoar a obra prima, contudo, não poderia ser visto como objeto de domínio de “correção da ciência”.

Claro, o rascunho do corpo pode ser a parte identitária que identifica, assemelha e caracteriza o ser humano, mas não pode ser visto como algo que deve ser “consertado”. O corpo não pode ser corrigido, ou seja, não pode fugir de sua imprescindível finitude, a morte. Segundo Lê Breton (2008, p. 17), “torná-lo uma mecânica, associá-lo à ideia da máquina ou acoplá-lo a ela é tentar escapar desse prazo (morte), apagar ‘a insustentável leveza do ser’”.

De outro modo, a ideia do corpo, no sentido figurado da máquina, nos remete ao mecanicismo das ações e ao superficialismo dos sentimentos humanos.

Segundo Breton (2008, p. 19):

Não se compara a máquina ao corpo, compara-se o corpo à máquina. O mecanicismo dá paradoxalmente ao corpo seus duvidosos títulos de nobreza, sinal incontestável da proveniência dos valores para a modernidade. [...] A admiração dos biólogos ou dos cirurgiões diante do corpo humano, cujos arcanos eles tentem penetrar, ou a mais cândida do profano, pode ser traduzida pela mesma exclamação: “Que máquina maravilhosa”. A esse respeito, são inúmeros os títulos de obras ou de artigos que recorrem à metáfora mecanicista.

No entanto, diante de uma sociedade contemporânea, de relações tecnicistas, e das ideias na qual nos remete a uma percepção do corpo humano como máquina, fica nítido o desejo de possuir um corpo “perfeito”. Essa afirmativa mexe conosco. **Primeiro**, faz pensar o corpo humano como uma indústria, como um sistema perfeito de atividades que engloba controle, produção, técnicas e manipulação. **Segundo**, nos leva a perceber o corpo humano como uma máquina, composto de órgãos e formações perfeitamente ajustadas.

Ora, conforme esta maneira de compreensão, tanto o corpo como indústria quanto o corpo como uma máquina perfeita, dentre outras metáforas, seja qual for o caso, existirá sempre ‘aquele’ que conduzirá e guiará as ações do corpo, ou seja, pode ser o motorista, o dono da indústria ou o operador da máquina, portanto, o corpo jamais estará agindo sem as definições que o coloca como “corpo humano”.

Porém, no entendimento do corpo em meio ao seu reflexo no espelho, deve-se perceber sua relação exterior, no âmbito daquilo que o define enquanto corpo, ou seja, sua humanidade. De fato, segundo Lima (2004), o corpo em frente ao espelho nos remete a ideia do “Narciso e o Drácula”. O Narciso representa a imagem exterior que pode ser refletida pelo espelho. Por outro lado, o Drácula representa o vampiro que está em nós, contudo, o espelho não consegue refleti-lo ou capturá-lo. Noutras palavras, “O vampiro que somos torna possível à imagem do Narciso que vemos: mas o vampiro é o que não pode ser contemplado, já que o espelho não reproduz a imagem de vampiro” (LIMA, 2004, p. 1).

O espelho refletiu o “Narciso” que ele mesmo produziu, porém, apenas naquele momento do reflexo,

ou seja, ele se torna algo finito e temporal. Por isso, no espelho existe o tempo na medida em que o reflexo de algo dura. Nesse sentido, o corpo assim como o reflexo, é algo limitado quanto ao tempo. Quer dizer, conhecemos o corpo existente no tempo e na mesma medida em que vemos o seu reflexo/ação durarem no mundo.

Neste sentido, o ‘ver’ e o ‘conhecer’ torna-se uma possível construção da imagem real de algo posto no mundo.

Ou melhor:

Speculum — espelho; spectabilis — o visível; specimem - a prova; o indício, o argumento e o presente; speculum é parente de spectaculum (a festa pública), que se oferece ao spectator (o que vê, o espectador), que não apenas se vê no espelho e vê o espetáculo, mas ainda pode voltar-se para o speculandus (a especular, a investigar, a examinar, a vigiar, a espiar) e ficar em speculatio (sentinela, vigia, estar de observação, pensar vendo) porque exerce a spectio (a vista, inspeção pelos olhos, leitura dos agouros) e é capaz de distinguir entre as species e o spectrum (espectro, fantasma, aparição, visão irreal) (LIMA, 2004, p. 2).

Buscando uma releitura dessa citação de Walter Matias Lima (2004), percebemos que: O **espelho** se oferece ao **espectador**, que não apenas é refletido no **espelho**, mas também reflete a **festa pública** ao seu redor. O **espectador** como exímio **investigador/examinador**, busca ficar como **sentinela/vigia**, por possuir a **inspeção pelos olhos/leitura da realidade**, capaz de distinguir os **seres vivos** (visão real) dos **fantasmas** (visão irreal).

De fato, o espelho representa o momento exato, ou seja, a visão real. Ele representa aquilo que nos aponta ao seu reflexo no espelho. Por outro lado, naquilo que nos manifesta a visão irreal, reproduz apenas a memória de um reflexo, isto é, na visão irreal, “só encontrará seu ‘próprio’ corpo e minha perda” (LIMA, 2004, p. 2) quer dizer, de frente para o espelho vejo o reflexo de meu próprio corpo e recorro aquilo que está em minha memória.

Revelada essa percepção, portanto, em uma perspectiva da história de “Narciso e o Espelho” (LIMA, 2004), o corpo é o que nos permite perceber, ou seja, nossa humanidade: aquilo que nos torna humanos (aparência, evidência, caráter...) e aquilo que nos permite agir enquanto humano (inventar, reinventar, esquecer...).

Logo, diante destes recortes simbólicos e conceituais desenvolvidos ao longo do tópico, o corpo envolve um contexto de plenitude, no qual abarca um todo que é formado pelas relações, pelos sentimentos, pelo dia a dia e, conseqüentemente, por sua manipulação.

Por conseguinte, podemos concluir que é preciso desenvolver uma reflexão contraditória e crítica sobre o corpo, no qual diante da rígida visão contemporânea, envolta ao consumo do capitalismo, torna-se evidente, a necessidade de superar os paradigmas universais que modelam os sentidos e significados do corpo, os conceitos rotuladores e, principalmente, a percepção do corpo como apenas mera categoria simbólica.

Deve-se salientar, portanto que a fala do outro, a moldura ou mesmo os conceitos do outro não podem me preconceber, me alienar ou me capturar por completo. Com vista nisso, buscaremos no próximo tópico desenvolver uma concepção de corpo na qual é preciso entrar em um processo de estranhamento contra uma realidade dogmática que nos é imposta.

O corpo como possível modelo “desviante/divergente”: o binômio antagônico da sociedade

Após um pequeno recorte acerca de uma possível conceituação do corpo e de sua percepção como categoria simbólica frente aos estigmas da sociedade, trataremos neste tópico, sobre a ideia de sobrelevar o entendimento de um corpo “diferente/divergente/desviante” frente ao corpo que vive fundamentado em uma perspectiva referenciada como “normal”.

Como vimos no primeiro tópico, com os avanços do século XIX muita coisa passa a acontecer. O corpo diferente e inanimado dá lugar ao corpo reinventado que anima e faz espetáculos para as massas, contudo, continua rotulado como “divergente”. Ou seja, do ponto de vista do emergente consumismo, o fim do século XIX é marcado pela necessidade de construção e valoração mercadológica do corpo “anormal”.

Diante deste contexto, cria-se a representatividade cultural do corpo, ou seja, a apresentação pública do “corpo anormal”. Este corpo diferente era caracterizado pela deformidade e pela desproporção de membros ou órgãos do corpo humano. A representação cultural se caracterizava pelas exposições em circos e praças públicas, para animação das massas.

Segundo, Courtine (2008, p. 255 – 256):

[...] a visita feita aos monstros das feiras possuía a banalidade rotineira dos divertimentos familiares. Nessas festas do olhar, as grandes aglomerações de povo do final do século XIX, a curiosidade dos basbaques corria solta, e os olhares faziam um inventário sem limites da grande exibição das bizarrices do corpo humano: “fenômenos vivos”, deformações humanas ou animais extraordinárias das barracas; espécimes teratológicos em frascos de vidro ou patologias sexuais dos museus de cera anatômicos; morfologias exóticas e rituais selvagens dos “zoos humanos”; truques e ilusões de ótica: “decapitados falantes”, “mulheres-aranhas” ou “mulheres lunares”; museus realistas com seus fatos do dia sangrentos, ou seus episódios da vida no banho. Nos confins de uma antropologia ingênua, de uma feira de órgãos e de um museu dos horrores, o espetáculo dos monstros rendia muito dinheiro.

Neste sentido, o corpo humano, porém, anormal era culturalmente a grande atração mercadológica para as diversões das famílias que detinham algum poder econômico, isto evidenciava um binômio antagônico das sociedades frente a sua própria raça. Suas exposições alavancavam os espetáculos e originavam as primeiras “formas de indústria moderna da diversão de massas” (COURTINE, 2008, p. 256).

De fato, a diversão das multidões até hoje representa o grande processo da racionalidade técnica de dominação, atualmente, vivemos um grande processo de industrialização cultural, que tem como racionalidade objetiva a dominação e alienação das massas. Para Habermas (2014) essa racionalidade era entendida como a “expansão dos âmbitos sociais submetidos aos critérios de decisão racional. Isso corresponde à industrialização dos critérios da ação instrumental em outros âmbitos da vida (como a urbanização dos modos de vida, a transformação técnica das trocas e da comunicação)” (HABERMAS, 2014, p. 75).

O corpo como ‘produto’ vislumbra as submissões culturais e as diferenças sociais. O conformismo e o sentimento de inferioridade remetem o ser humano ao processo de aculturação e submissão às ‘raças’ mais ‘evoluídas’. Neste sentido, o homem reflete a reprodução de sentidos, a reprodução dos conhecimentos e as lógicas sociais, ou seja, “o homem não tem poder de ação contra essa “natureza” que o revela; sua subjetividade só pode acrescentar pormenores sem reflexos sobre o conjunto.” (BRETON, 2007, p. 17).

Contudo, o contexto que envolve o corpo antagônico nos remete a dois pensamentos: **primeiro**, a percepção de uma “anormalidade” é um processo histórico e socialmente construído que nos impõe o paradigma irônico de uma “normalidade”. Daí, estas duas percepções (de anormalidade e normalidade) nos remete ao **segundo** pensamento, ou seja, da “patologia”. A patologia traduzida pela degeneração é, portanto, uma “falha” diante da ideia perfeita daquilo que pode ser, dentro da “normalidade”, gerado. Neste caso, o “degenerado” precisa ser corrigido. Assim, diante desse entendimento antagônico, é necessário romper com os moldes contemporâneos acerca do corpo.

Segundo César e Duarte (2009, p. 120):

Foucault percebeu que o sexo e, portanto, a própria vida, haviam se tornado alvos privilegiados da atuação de um conjunto de poderes normalizadores que já não tratavam simplesmente de regradar comportamentos individuais ou individualizados, mas que pretendiam normalizar a própria conduta da espécie, bem como regradar, manipular, incentivar e observar fenômenos populacionais como as taxas de natalidade e de mortalidade, as condições sanitárias das grandes cidades, o fluxo das infecções e das contaminações, a duração e as condições da vida, etc.

Ora, baseando-se pelas ideias subversivas de Foucault, César e Duarte nos convida a quebrar os paradigmas das relações de poder, de estigmas e, principalmente, de reflexões sociais normatizantes sobre o corpo e sua conjuntura. Este poder paradigmático busca de forma soberana e imperialista, exercer poderes restritivos, constrangedores e preconceituosos sobre as minorias.

Deve-se salientar e destacar as diversas relações de poder com características repressoras, isto é, atualmente, vivenciamos isso a partir da soberania imposta pelo Estado e seu exercício de repressão, ou mesmo, pela própria forma como a sociedade busca agir com os chamados ‘diferentes e anormais’ baseados em seus moldes culturais, religiosos e tradicionalistas.

De fato, podemos concluir que estamos inseridos num processo histórico de formação social pautada nas regras, nas normas, nos paradigmas e naquilo que é dado como “normal”. Nesse caso, é necessário adentrar um segmento contínuo de descentramento paradigmático e de reconstrução da ideia de “normalidade” frente ao contexto heterogêneo e a um sujeito em constante mutação.

Segundo Lê Breton (2007, p. 73):

A relação social estabelecida com o homem que tem uma "deficiência" é um profícuo analisador da maneira pela qual um grupo social vive a relação com o corpo e com a &39;diferença. Ora, uma forte ambivalência caracteriza as relações entre as sociedades ocidentais e o homem que tem uma deficiência; ambivalência que vive no dia-a-dia, já que o discurso social afirma que ele é um homem normal membro da comunidade, cuja dignidade e valor pessoal não são enfraquecidos por causa de sua forma física ou suas disposições sensoriais, mas ao mesmo tempo ele é objetivamente marginalizado, mantido mais ou menos fora do mundo do trabalho, assistido pela seguridade social, mantido afastado da vida coletiva por causa das dificuldades de locomoção e de infraestruturas urbanas frequentemente mal adaptadas. E, quando ousa fazer qualquer passeio, é acompanhado por uma multidão de olhares, frequentemente insistente; olhares de curiosidade, de incômodo, de angústia, de compaixão, de reprovação. Como se o homem que tem uma deficiência tivesse que suscitar de cada passante um comentário.

Neste aspecto e diante deste contexto, vivemos em uma sociedade pautada na decadência dos estigmas, dos dogmas, dos parâmetros e daquilo que é posto como verdade, e, neste âmbito de compreensão, aqueles corpos preconceituados tais como o corpo feminino, os corpos deficientes, os corpos negros ou os corpos de gêneros “diferentes”, são os que mais sentem essa aculturação normalista imposta pelas sociedades.

Le Breton, seguindo o pensamento de Norbert Elias, afirma que “As regras de civilidade vão, de fato, impor-se para as camadas sociais dominantes. Como se comportar em sociedade para não ser, ou parecer, um bruto” (BRETON, 2007, p. 21). Por conseguinte, é preciso superar toda e qualquer forma de preconceito, de intolerância, de discriminação e de prejulgamentos. Neste sentido, é necessário evitar “a coerção introduzida naquilo que a linguagem constitui como o domínio imaginável do gênero” (BUTLER, 2003, p. 25).

Considerações finais

Conceituar o corpo é adentrar o contexto social que o envolve, que o molda e que o define. Assim, ao buscar esta inserção, nos deparamos com um leque infinito de conceitos, problematizações e contextos.

Tratar deste assunto é problematizar “o corpo” frente aos valores contemporâneos e relativos que envolvem a sua beleza estética, saúde, alimentação, comportamentos em meio a sociedade e sua diversidade frente as outras diversidades. Neste âmbito, é importante está aberta a contemplação e percepção de novos discernimentos e perspectivas face ao contexto do dia-a-dia.

Enfim, neste artigo, refletimos acerca da complexidade que envolve o corpo, sua “anormalidade” e sua importância no contexto da formação social do indivíduo. É necessário superar o modelo regrado que busca condicionar e mediar às relações e as percepções corporais em favorecimento dos moldes arcaicos e segregadores de tempos afins.

De fato, o corpo se desenvolveu e se desenvolve ao longo dos tempos e em meio aos diversificados contextos sociais, no entanto, o corpo não pode ser apenas percebido como um conjunto repleto de órgãos, mas como um importante componente social, inserido nos infinitos elementos do “mundo da vida cotidiana”[i] que os cerca, ou seja, em meio as suas relações subjetivas culturais, religiosas e sociais com os outros. Isso denota o seu mundo de relações, que envolve sentidos, desejos, afetos, emoções.

Conforme Oliveira, citado por Maar (2007, p. 50):

A desbarbarização da humanidade é o pressuposto imediato de sua sobrevivência. A ela deve servir a escola, por limitados que sejam seu âmbito e suas possibilidades e, para tanto, precisa libertar-se dos tabus, sob cuja pressão se reproduz a barbárie [...] Opor-se a isso tudo que o mundo de hoje nos oferece e que, no presente momento, não admite vislumbrar outra possibilidade de resistência mais ampla, é competência da escola.

Portanto, diante desta construção problemática acerca do corpo e de suas ações em meio ao tempo contemporâneo em que nos é imposto, é imprescindível, na atual educação em que estamos inseridos, que possamos superar e resgatar uma linguagem que nos possibilite resistir e contradizer, em prol de um reconhecimento no qual o direito, a moral, a ética e o respeito ao outro, estejam salvaguardados como objetivos humanos primordiais de uma sociedade plural, heterogênea e igualitária.

Referências Bibliográficas

BRIGHENTE, Miriam Furlan. Michel Foucault: corpos dóceis e disciplinados nas instituições escolares. *In: Anais do X Congresso Nacional de Educação – EDUCERE*. Curitiba/PR, 2011.

BUTLER, Judith P. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade** / Judith Butler; tradução, Renato Aguiar. – Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira, 2003.

CÉZAR, Maria Rita de Assis. **Governo dos corpos e escola contemporânea: pedagogia do fitness.** / Maria Rita de Assis César, André Duarte. *In. Revista Educação e Realidade* – Paraná: 2009.

COURTINE, Jean-Jacques (Orgs.). **História do corpo: as mutações do olhar: O século XX** / sob a direção de Alain Corbin, Jean-Jacques Courtine e Georges Vigarello; tradução e revisão Ephraim Ferreira Alves. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

LÊ BRETON, David, 1953 - **A sociologia do corpo** / David Lê Breton; 2. ed. tradução de Sônia M.S. Fuhrmann. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

_____. **Adeus ao corpo: antropologia e sociedade.**/David Le Breton; tradução Marina Appenzeller. – Campinas, SP: Papyrus, 3ª ed. 2003.

LIMA, Walter Matias. **Notas introdutória para discutir a história do corpo.** Maceió, 2004.

MAAR, Wolfgang Leo. Educação crítica, formação cultural e emancipação política na Escola de Frankfurt. *In: PUCCL, Bruno (Org.). Teoria crítica e educação: a questão da formação cultural na Escola de Frankfurt.* Petrópolis: Vozes, 2007.

[1] Segundo Habermas (2012, p. 219), “do qual as pessoas que agem comunicativamente lançam mão para localizar a si mesmas e às suas manifestações em espaços sociais e épocas históricas”.